

Benjamin
Blech

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?



E-book
Vol. 4



Conteúdo extraído do livro:

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

Rabino Benjamin Blech
Editora e Livraria Sêfer

2006

Copyright © 2003 by Benjamin Blech

Direitos reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 3826-1366 sefer@sefer.com.br www.sefer.com.br

CAPÍTULO 8

QUANDO MORRE UMA CRIANÇA

Já deixamos bem estabelecido que, segundo as fontes judaicas e um número significativo de autoridades contemporâneas, a morte é uma batida na porta com a mensagem: “Está na hora de deixar a festa daqui e ir para outro lugar.” Se podemos concordar que a pessoa agonizante está apenas sendo chamada para ir a algum outro lugar – para alguma outra festa, que é bem melhor do que a nossa –, então a morte não é assim um problema tão grande.

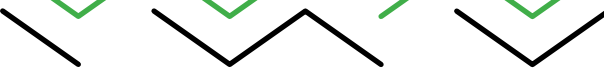
Quando fazemos a pergunta: “Qual é o propósito dos anos anteriores passados nesta Terra? Qual é o propósito da vida?” – concluímos que a resposta é: aperfeiçoarmo-nos espiritualmente. Nós não queremos estar aqui à toa; não queremos ir a uma festa sem sermos convidados. Nós queremos merecer o nosso convite; queremos completar a tarefa que nos foi designada aqui na Terra.

Mas quem somos nós para pensar que uma pessoa visivelmente não completou a sua missão, quando há aqueles que deixam esta Terra antes que consigam, possivelmente, alcançar alguma coisa? Quando morrem pessoas jovens, com toda a certeza não se pode dizer que elas cumpriram seus propósitos na vida. Se elas morreram em virtude de um ato violento de terceiros, pudemos explicar que um Deus Todo-Poderoso optou por não interferir no livre-arbítrio do agente criminoso. Mas como lidar com a morte de uma criancinha, vítima de uma doença incurável ou de causa desconhecida? O que temos a dizer sobre isso?

UM TESOURO PEDIDO EMPRESTADO

Uma importante reflexão que o *Midrash*³³ nos convida a considerar é a história do grande rabino do século 2, Meir, e sua esposa Berúria.

Em um *Shabat*, enquanto o famoso sábio estava na sinagoga, seus dois filhinhos morreram repentinamente, sem explicação. A mãe deles, aflita, cobriu seus corpos com mortalhas e fechou a porta do quarto onde eles estavam



deitados. Quando o seu marido voltou para casa e perguntou pelos filhos, ela lhe pediu para recitar as orações de *havdalá* que encerram o *Shabat*. Assim que ele as concluiu, ela lhe perguntou:

“Como grande rabino e professor, você me dá uma resposta a uma questão legal?”

“Qual é a sua questão?”, ele perguntou.

“Alguns anos atrás, alguém muito importante me deu duas joias preciosas para cuidar. Agora ele veio pedi-las de volta. Eu devo devolvê-las ou não?”

Surpreso com a simplicidade da pergunta, o rabino respondeu sem hesitar:

“Como você pode perguntar uma coisa dessa? É claro que, se tiver algo que é de outra pessoa, você deve lhe devolver!”

Ela então o levou pela mão e o conduziu para o quarto onde os corpos dos meninos estavam deitados. A mulher removeu as mortalhas, e ele viu os seus filhos mortos. Imediatamente, começou a chorar. Mas ela lhe disse:

“Meu querido marido, você não disse que nós deveríamos devolver a propriedade ao seu dono? O bom Deus deu, e o bom Deus levou.”

O Talmud nos lembra de que nossos filhos não são de nossa propriedade. Eles são criações e presentes de Deus. Às vezes, Ele os pede de volta quando nós ainda gostaríamos de mantê-los conosco.

Todavia, qualquer pai ou mãe que perdeu um filho e conhece a dor dilacerante de uma perda assim ainda deve imaginar por que essa experiência recaiu sobre eles. Por que eles tinham que ter sido escolhidos para um sofrimento assim?

Obviamente, estamos de volta ao dilema original de Jó – Deus é bom? Um Deus bom faria algo assim tão cruel? No entanto, Berúria permaneceu firme em sua fé. Ela chamou Deus de “bom Deus”; usou o nome que recorre ao Todo-Poderoso no Seu modo de bondade e compaixão.

Como ela foi capaz de fazer isso? Porque entendeu que o mesmo Deus que agora levou essas vidas havia sido magnânimo em conceder um presente

assim tão precioso anteriormente. Quando Deus deu, todos reconheceram a Sua bondade; agora que Ele levou, será que posso condenar Aquele que anteriormente se mostrou tão desejoso de me mostrar o que é bom? Não. Este é um ato incompreensível para mim, mas vem das mãos de Alguém que jamais me fará mal.

O PROPÓSITO DA VIDA DE UM BEBÊ

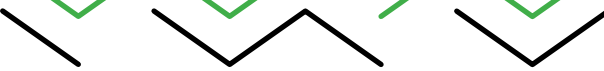
Sim, há conforto em saber que, em primeiro lugar, Deus nos deu a dádiva de um filho, e que é Ele quem pede o seu retorno. Sim, há consolo em acreditar que um mundo ainda melhor aguarda pela alma de alguém que ascende para um plano mais elevado de existência. Mas a pergunta que não quer calar é: a qual propósito pode porventura servir uma vida de tão curta duração? Se todos nós temos uma missão, qual era a da criança que Deus levou de nós logo após o nascimento?

A primeira resposta possível que nós examinaremos é, talvez, a mais difícil de aceitar, e requer o maior cuidado em sua análise.

Quando um bebê morre, não se pode dizer que este sofreu muito. Sua vida efêmera foi tão breve que ele praticamente não teve ciência da sua vida ou da sua morte. Nosso problema não tem a ver com a sua dor, mas com o seu propósito. O que foi que a sua alma veio supostamente cumprir sobre a Terra?

A resposta mais notável pode ser que a missão da criança na Terra foi cumprida *por sua vida e morte imediatas*. Sua missão pode ter sido ser o veículo para – e eu lamento não ter um modo melhor de dizer isso – um reembolso da dívida dos seus pais com Deus. É claro que Deus não precisa disso; é o reembolso de uma dívida necessária para auxiliar os pais a crescerem intelectual, emocional e espiritualmente. Esta pode parecer uma pílula dura de engolir, mas é para crescer que nós estamos aqui, e quando o crescimento está emperrado, Deus interfere para empurrar a pessoa para frente. Uma mensagem trágica e traumática pode bem ser o toque de despertar que as pessoas precisam para fazê-las reconsiderar seus valores e o seu modo de encarar a vida.





O *Midrash*³⁴ nos oferece a seguinte parábola: um homem estava devendo muito ao rei e não tinha meios de lhe reembolsar o dinheiro. O rei enviava constantemente um mensageiro para cobrar a dívida, mas toda vez o homem implorava por mais tempo. Finalmente, o rei fez algo estranho: ele fez com que a mesma soma devida fosse lançada através da janela da casa do homem, que se regozijou com o inesperado tesouro. Pouco depois, o mensageiro do rei chegou a fim de, mais uma vez, cobrar a dívida. O homem então teve que se separar da sua fortuna recém-encontrada a fim de, finalmente, pagar a sua conta com o rei.

Eis uma história enigmática. O rei fora muito generoso com o homem, mas este não podia pagar o que devia. Por isso o rei, em sua grande magnificência, lhe deu um presente anônimo a fim de lhe permitir honrar o pagamento da sua dívida!

Dentro desse enigma encontramos um conceito que descreve um dos procedimentos de Deus conosco, servos do Rei dos Reis. Quando um homem comete uma transgressão pela qual merece a morte, Deus não a cobra de imediato; Ele espera até que o homem esteja casado e lhe dá uma criança de presente. Então Deus leva a criança para longe dele. O que aconteceu? Este homem pagou a sua dívida, e Deus recobrou o que é Dele.

Gershon Winkler³⁵ explica essa ideia de uma maneira poderosa e comovente: “Na alegoria talmúdica acima, a preocupação do rei não era alimentar o seu tesouro (afinal de contas, ele tirou do seu próprio tesouro e deu secretamente ao devedor os meios para este reembolsá-lo).”

O único propósito era que o devedor pagasse a sua conta, pois, enquanto ela ficasse em aberto, a relação ficaria obstruída. Deus não deseja levar a criança de uma pessoa embora como uma espécie de oferenda ou apaziguamento; Ele não precisa de nada disso. Pelo contrário, a intenção Divina é proporcionar aos pais a oportunidade de rever o seu ponto de referência da realidade. É como se Deus estivesse dizendo:

“Este mundo não é seu; é Meu. Tudo aquilo que você percebe como seu veio de Mim, inclusive você. Eu tomei de volta a criança que lhe dei

porque o seu filho é nada mais do que uma extensão de você mesmo. Eu não preciso levá-lo, tampouco sinto prazer com o seu sofrimento após tê-lo levado. Em vez disso, só desejo zerar a sua conta, cuja dívida criou um distanciamento cada vez maior na nossa relação. Agora Eu levei de volta o que era Meu, e você pagou a sua dívida por meio da sua angústia. Eu só espero que você utilize a experiência para elevar a sua perspectiva espiritual.”

UMA MENSAGEM CLARA

A Bíblia e o *Midrash* são riquíssimos em imagens desse tipo.

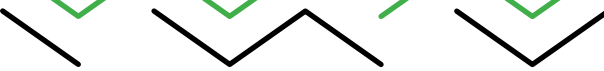
Eles nos contam que Judá, que vendera o seu irmão José como escravo, expiou a dor que causou ao seu pai do seguinte modo: Judá mentiu ao seu pai ao afirmar que animais selvagens mataram José, o filho mais amado de Jacob. O pesar do ancião não teve limites.

Ao ver a angústia de Jacob, Deus disse a Judá: “Você não teve nenhum filho até agora; não entende o tormento de perder um filho. Eu lhe faço este juramento: você se casará com uma mulher e enterrará o seu filho, e então você saberá. Então compreenderá a intensa dor que causou ao seu pai.”

Foi assim que Judá vivenciou a justiça de Deus de acordo com o princípio de medida por medida; ele aprendeu qual fora o nível da ferida que infligira ao seu pai. Não há como negar que ocorre um processo educativo pela perda de um filho. Segundo Winkler, “isto faz você rever o foco do seu senso de realidade.”

As pessoas cujas vidas estavam centradas em valores totalmente falsos voltam rapidamente à realidade quando têm que enfrentar uma tragédia pela primeira vez. Um homem me contou que uma perda terrível na sua vida o fez reavaliar a sua atitude para com a família. Ele disse isso de maneira simples: “Eu cresci.”

Mike Wallace, famoso pelo programa de TV americano *60 Minutes*, confessou certa vez na televisão que, em toda a sua vida, a morte do seu



filho mostrou ser simplesmente a experiência que mais mudou a sua forma de pensar. Isto fez com que ele revise a sua vida, o seu propósito na Terra, as suas prioridades. Tudo o que ele é hoje, afirmou, se deve à transformação que experimentou em decorrência dessa tragédia.

Naturalmente, às vezes a reação para a morte de uma criança é justamente o oposto. Em vez de aprender da experiência, as pessoas podem crescer amargas, tentar afogar suas tristezas no álcool ou abandonar valores mantidos até então. Este é um momento em que Deus envia ao indivíduo algo diretamente correspondente ao seu potencial espiritual, e este pode responder positiva ou negativamente conforme o seu livre-arbítrio. Contudo, a atitude de optar por aprender algo que melhora a qualidade da vida do indivíduo após uma tragédia nos permite ver como podemos emergir de escuridão para a luz; caso contrário, pode se tornar uma calamidade sem sentido dentro de uma mensagem significativa.

A MENSAGEM PARA TERCEIROS

As tragédias podem ter significado não apenas para aqueles que sofrem diretamente as suas consequências. Elas também podem fazer parte de um plano maior, a fim de inspirar e educar um círculo muito maior de testemunhas.

Qualquer um que observa a aflição de pais que perdem um filho também é educado por extensão. Como rabino, eu sempre ouço as pessoas que visitam a casa de um enlutado me dizerem: "De repente me dei conta do quanto tenho sorte! Preciso correr para casa e beijar meus filhos. Eu considerava minhas bênçãos como algo garantido; agora percebo como sou um(a) afortunado(a)."

Se você perdeu algo, você não se torna muito mais cuidadoso com aquilo que tem? Se uma mulher sofre um acidente e então dá à luz uma criança saudável, ela não agradece o presente recebido? Se uma mãe teve uma criança que morreu, ela não será ainda mais amorosa com os outros filhos que terá no futuro?

Ainda que possamos não gostar de ouvir que há um propósito educativo em uma tragédia tão terrível, a vida prova constantemente que as coisas são assim. A perda ou a quase-perda nos ajudam a pôr em perspectiva o que temos e o que avaliamos como importante.

Há algum tempo eu li um artigo escrito por um pai cuja filha fora diagnosticada com câncer no olho. Um homem religioso, ele escrevera o artigo como uma espécie de carta aberta à sua comunidade, com o intuito de responder à pergunta que tanto lhe fora feita desde que a terrível notícia se fez conhecida: se esse desafio havia abalado a sua fé em Deus. Ele escreveu: "Esta crise em minha vida, da qual eu tanto aprendi, só reforça a minha crença de que Deus se importa." Ele passou a explicar:

Aquelas qualidades que eu antes imaginava serem as mais preciosas e importantes – a minha inteligência, ambição e criatividade – perderam completamente a sua importância durante a minha crise, pois foram inúteis para ajudar Yael [o bebê enfermo] ou até mesmo para me ajudar. Não importava se eu era culto ou bem informado, ou se meus amigos eram interessantes ou famosos. Não interessava se eu sabia mais ou menos do que outros, e quem, eu ou eles, era o mais bem-sucedido. Eu percebi com que frequência estivera em falta com terceiros por me preocupar com o meu próprio talento, tão menos importante do que a minha capacidade de cuidar.

Estas lições simples me parecem tão importantes, tão essenciais para a vida, que eu vim abraçar a minha própria dor com uma espécie de ternura. Penso que assim eu obtive o que havia de melhor em mim mesmo.

Será que eu poderia ter aprendido estas coisas por conta própria de um modo menos traumático? Algumas pessoas conseguem, e eu imagino que também seria capaz, mas não fui. Não estou mais amargo, pelo contrário; estou mais seguro de que Deus se importa, porque Ele criou um intervalo em minha vida para se assegurar de que eu aprenderia lições sem as quais eu não poderia viver.³⁶



PECADOS DOS PAIS?

Há lições para os pais na morte de um filho. Mas o que podemos falar da alma da criança? Houve algum valor intrínseco em sua breve vida além do seu efeito sobre os demais? Será que a sua morte foi alguma espécie de castigo? Mas ela não viveu o suficiente para transgredir! Será que ela pode ter sido punida por algum pecado de seus pais?

Sempre me perguntam a respeito de uma sentença enigmática dos 10 Mandamentos que parece implicar que isso é verdade: "Eu sou o Eterno Teu Deus..., que visito a iniquidade dos pais nos filhos, sobre terceiras e sobre quartas gerações..." (Êxodo 20:5).

Deixe-me voltar literalmente para esse registro; essa sentença, em geral mal traduzida e mal compreendida, *não* significa que a punição pelos pecados dos pais é transferida para os filhos. Se isso fosse verdade, retornaríamos ao dilema de Jó, que pergunta como um Deus justo poderia fazer algo assim. Em muitos lugares da Bíblia³⁷ recebemos a garantia de que isso não é verdade. De fato, é dito a nós repetida e explicitamente que Deus jamais pune os filhos pelos pecados dos pais.

A interpretação mais lógica dessa sentença não traduz as palavras *oked avon avot* como "que visito as iniquidades dos pais". É muito melhor – e de acordo com a implicação positiva que essa palavra costuma ter na Torá – traduzi-la como "que recordo" ou "que levo em conta as iniquidades dos pais". Isto nos ensina que Deus não julga simplesmente os filhos por suas ações sem levar em conta o péssimo modo como seus pais podem tê-los criado e onde eles falharam na sua educação. Ao roubarem, os filhos cujos pais foram negligentes em lhes ensinar honestidade não poderão ser julgados tão severamente quanto aqueles que foram ensinados a ser honestos, mas, não obstante, roubam. Filhos que nunca foram ensinados a respeito da santidade do *Shabat* não podem ser punidos por falta de cumprimento, pois isto está enraizado mais na ignorância do que na rebeldia. Deus leva em conta todos os fatores sociais e ambientais ao decidir a extensão da capacidade do indivíduo.

Mas, para os nossos propósitos aqui, há outra interpretação – mais profunda e mística – de interesse ainda maior. De acordo com a Cabalá, há uma enorme importância na última frase, “sobre terceiras e sobre quartas gerações”. Deus recorda os pecados de um indivíduo até a terceira e quarta gerações ao enviar *exatamente a mesma alma* de volta para a Terra – por meio da reencarnação – para expiar por seus pecados do passado. De fato, esse processo de retificação pode levar de três a quatro gerações para se completar.

A Cabalá diz que um bebê que morre teve que retornar por um curto período de tempo para completar alguma tarefa mínima. Os pais cumpriram o mandamento de “frutificar e multiplicar” e tiveram a oportunidade de expressar um elevado nível de amor. E o bebê, ainda que sem realizar um ato consciente, pode ter proporcionado a terceiros uma chance ao lhes dar a oportunidade de demonstrar amor. Isso pode ter sido tudo o que era necessário para ele completar o seu último ciclo de expiação. Mais do que isso: assim que morreu, pode ter recebido créditos da parte de Deus pelas obras meritórias que seus pais fizeram em seu nome.

Já foram criadas numerosas fundações de combate a enfermidades e para obras beneficentes em nome de filhos que morreram jovens. O ator americano Kirk Douglas, por exemplo, construiu um *playground* para as crianças carentes árabes de Jerusalém e dedicou-o em memória das criancinhas que estavam presentes no berçário do Edifício Federal Alfred P. Murrah, na cidade de Oklahoma, EUA, quando este foi destruído por uma bomba terrorista em 1995. Douglas afirmou: “Me pareceu adequado dedicar um *playground* em memória das crianças de Oklahoma na cidade santa de Jerusalém, onde crianças convivem com bombas de terroristas.”

Assim, as mortes dessas crianças proporcionaram um bem enorme e espalharam muito amor; e talvez este tenha sido o motivo pelo qual elas vieram à Terra por um período tão curto de tempo – aparentemente, só para morrer.

Mas será que esta também é a razão pela qual crianças pequenas sofrem? Aqui chegamos, finalmente, ao segmento mais difícil da nossa avaliação – as razões para o sofrimento aparentemente sem motivo. É isso o que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 9

AS DÁDIVAS DO ENVELHECIMENTO, DA DOR E DA DOENÇA

Peça que as pessoas te digam o que veem de bom na velhice e a única coisa que elas serão capazes de dizer é que, como falava Maurice Chevalier, “esta não deixa alternativa”. A realidade é que o envelhecimento acaba com a nossa juventude, pois traz consigo o fardo das incapacidades, debilita nossas forças e elimina a beleza física que outrora exibíamos. Para muitas pessoas, se não a maioria, Edith Wharton estava certa: “Não existe esta coisa de velhice; há apenas lamento.”

Peça às pessoas que lhe contêm o que veem de bom na dor e no sofrimento, e elas olharão para você como se você estivesse louco. Pode ser que a famosa observação de William Hazlitt seja um pouco severa demais. Ele afirmou: “A menor dor no dedinho nos causa mais preocupação e dificuldades do que a destruição de milhões dos nossos amigos.” Mas a dor certamente parece algo a ser evitado a todo custo. Júlio César chegou à seguinte conclusão: “É mais fácil encontrar homens que estejam dispostos a morrer do que outros que desejem suportar a dor com paciência.”

E, finalmente, peça que as pessoas lhe contêm o que elas veem de bom a respeito de uma doença terminal e elas provavelmente lhe dirão o que muitos afirmam pedir em suas orações: “Quando for a minha hora de partir, por favor não permita que ela se prolongue; por favor, me deixe morrer calmamente durante o meu sono, assim eu posso ser poupado da ansiedade e do medo de saber que a morte está próxima.”

Em poucas palavras: a velhice, a dor e uma doença terminal prolongada em geral são consideradas três grandes maldições.

Mas, de acordo com a tradição judaica, cada uma dessas três veio ao mundo como *a resposta de Deus para uma prece humana*. Três pessoas muito

importantes, os três Patriarcas, consideraram crucial envelhecer, sofrer e ter consciência da iminência da morte, e Deus simplesmente não lhes pôde rejeitar isso. Longe de serem três maldições, envelhecer foi a bênção de Deus para Abraão; sofrer foi o presente concedido a Isaac; e uma doença terminal foi a resposta positiva de Deus ao apelo de Jacob.

Como isso pode ser possível? E qual é a fonte bíblica para um comentário aparentemente tão absurdo? Para apreciar o que os rabinos disseram, você precisa conhecer um princípio da análise da Torá.

Para os Sábios do Talmud, uma “primeira” aparição na Bíblia é incrivelmente significativa. Significa que o que é descrito *já* aconteceu antes. O Talmud³⁸ destaca as ocasiões em que a Bíblia faz referência, *pela primeiríssima vez*, à presença da velhice, do sofrimento e da doença no mundo. O Autor desse texto – Deus – deseja enviar explicitamente uma forte mensagem. E qual poderia ser essa mensagem? Que o que é mencionado nesse momento não existiu antes e só surgiu à luz do contexto da história relatada nesse caso. A partir daí, o Talmud segue adiante a fim de chegar a três notáveis conclusões.

A velhice aparece pela primeira vez em referência a Abraão; o sofrimento aparece pela primeira vez em referência a Isaac; e a doença terminal aparece pela primeira vez em referência a Jacob.

O Talmud nos chama a atenção para esse fato e então nos oferece um intrigante *Midrash*.³⁹ Este relata que cada um dos três Patriarcas – Abraão, Isaac e Jacob – pediu um favor para Deus. Em cada um dos casos, Deus atendeu ao pedido e concedeu um “presente”.

Será que isto está correto? Os três piores castigos para a humanidade são, na realidade, três presentes? E eles vieram ao mundo porque os sábios Patriarcas – os mais sábios dos homens, conforme nos ensinaram – pediram? Nós devemos estar perdendo alguma coisa quando pensamos na velhice, no sofrimento e na doença como maldições em vez de bênçãos.

Para entendermos o que os Sábios tinham em mente, vejamos as histórias a seguir.



O PRESENTE DA VELHICE

Abrahão é a primeira pessoa a pedir a velhice a Deus. De acordo com o *Midrash*, ele disse a Deus: "Mestre do Universo, se não houver algo como a velhice, um homem e seu filho entrarão em um lugar e as pessoas ali não saberão quem merece ser mais honrado; aos olhos de todos, pai e filho parecerão iguais. Não haverá diferença entre um filho imaturo e o homem maduro que adquiriu um certo nível de inteligência, experiência e sabedoria. Isso não é bom. Se o Senhor puder ser tão amável, coroe-nos com a velhice. Coloque um pouco de branco nos cabelos, faça uma pessoa parecer um pouco mais velha, mais distinta. Então os demais saberão a quem dirigir maior respeito."

O *Midrash* segue adiante e relata que, ao ouvir o pedido de Abrahão, Deus lhe respondeu: "Você pediu uma coisa boa. E esta começará por você."

Abrahão reconheceu que há um benefício na velhice. Deus não deu esse "presente" antes que Abrahão lhe pedisse porque, até então, a humanidade não havia alcançado o nível de sabedoria necessário para aceitar e entender a bênção de vivenciar a velhice.

Por isso está escrito na Bíblia em Gênesis:⁴⁰ "E Abrahão era velho, entrado em dias." Essa é a primeira vez que a palavra "velho", *zakên*, aparece no texto bíblico.

Destaco aqui que Abrahão pediu por isso e recebeu o "benefício" de envelhecer. Ele não pediu, nem recebeu, as *incapacidades* da velhice; estas vieram depois. Neste momento estamos nos concentrando nos aspectos positivos dos cabelos brancos e da testa enrugada. Estes são sinais que permitem ao mundo reconhecer uma pessoa com experiência e sabedoria – alguém precioso e especial que está entre nós. Culturas que só respeitam os jovens optam pela força acima do conhecimento, do poder acima da profundidade.

O que Abrahão trouxe ao mundo como resultado do seu desejo cumprido é a consciência de que a idade merece ser honrada pelos motivos que a fazem superior à juventude. Abrahão justamente não queria ser confundido com "um

dos meninos”; ele preferia olhar para a sua idade de modo que as suas opiniões estivessem de acordo com a sua experiência.

O PRESENTE DO SOFRIMENTO

O *Midrash* continua: alguns anos depois, Isaac foi o primeiro a pedir o sofrimento para Deus. Antes de Isaac, os únicos exemplos bíblicos de sofrimento ocorrem por meio de punições.

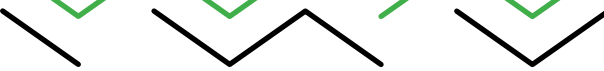
Como o *Midrash* continua a sua exploração dos “primeiros” da Bíblia, ele interfere na história deste modo: Isaac disse a Deus: “Mestre do Universo, se uma pessoa estiver para morrer sem sofrer qualquer aflição, ela chegará ao mundo vindouro com uma dívida enorme para pagar. Afinal de contas, ninguém é perfeito, e todos terão que expiar de alguma maneira por seus pecados e erros. Eu tenho medo de chegar diante de Ti sem jamais ter passado por qualquer sofrimento nesta Terra. Eu peço, permita-me assumir alguns destes [pecados e erros] agora; assim diminuirá a diferença que eu certamente terei que pagar depois no mundo vindouro. Por favor, Deus, deixe-me ter alguns deles aqui.”

A esse pedido, Deus responde: “Você pediu uma coisa boa. E esta começará por você.”

Então pela primeira vez aparece uma aflição – neste caso, a cegueira. E é por isso que está escrito: “E foi quando envelheceu Isaac e se lhe escureceram os olhos para ver.”⁴¹

O PRESENTE DA DOENÇA TERMINAL

O *Midrash* então nos conta que, alguns anos depois, Jacob pediu a doença. Ele disse a Deus: “Mestre do Universo, as pessoas estão morrendo sem serem advertidas disso antes. A respiração delas lhes é retirada, e elas se vão em um instante. Elas espirram, e então estão mortas” (você já quis saber por que, em qualquer idioma e cultura, nós desejamos “saúde” a uma pessoa que espirra?).



“Quando as pessoas morrem de repente, elas não têm a chance de resolver suas questões pessoais, reconciliar-se com aqueles com os quais agiu mal, pedir perdão a Deus e aos amigos. Eu quero saber então quando irei morrer – dois ou três dias antes do meu tempo. Por favor, Deus, dá-me o presente de uma doença terminal antes que eu seja ceifado pelo anjo da morte.”

A esse pedido, Deus também responde: “Você pediu uma coisa boa. E esta começará por você.”

Assim, em Gênesis nós encontramos pela primeira vez a palavra para doença grave, *cholê*. Um mensageiro vem até José para lhe dizer: “Eis que teu pai está enfermo.”⁴² E logo em seguida Jacob morre, mas não antes de ter a oportunidade de proporcionar um último adeus à sua família.

POR QUE ESTAS TRÊS “BÊNÇÃOS”?

Os Sábios do Talmud também nos ensinam que cada um do três Patriarcas personificou e serviu como paradigma de uma importante *midá*, uma característica de caráter fundamental: Abraão foi a síntese da bondade; Isaac simbolizou a força; e Jacob representou a verdade, que é necessária para determinar o equilíbrio apropriado entre a bondade e a força.

Com isso em mente, nós podemos compreender melhor o significado de cada um dos seus pedidos para Deus. Em virtude de suas naturezas específicas, cada um deles pediu exatamente a “bênção particular” que o *Midrash* revelou em suas histórias. Precisamente por causa de quem eram, eles puderam, respectivamente, perceber o valor da velhice do sofrimento e da doença.

A Abraão, o modelo perfeito de bondade, foi concedida velhice, porque é esta que permite que a paixão da mocidade esfrie, que um temperamento inflamado seja acalmado, que a fúria se dissipe. É a velhice que permite à bondade florescer plenamente e se expressar. O velho já não precisa lutar pelo seu lugar ao sol. A sabedoria dos anos permite que a bondade reine plena.

Isaac, o símbolo da força, pediu o sofrimento porque, na presença desse, somos os primeiros a testemunhar o enorme poder dentro de nós. Nós não

nos referimos frequentemente a essa verdade quando dizemos “o que não mata torna mais forte”? Isaac nunca poderia saber do que era capaz caso não tivesse sido exposto ao teste supremo de ser oferecido por seu pai como um sacrifício. Assim, também, muitas pessoas encontram o seu verdadeiro vigor ao necessitarem deste pela primeira vez, quando a vida os testa de uma maneira imprevista e precisam avaliar a crise pela qual estão passando.

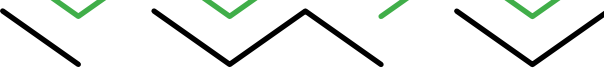
Jacob, que ficou conhecido pela verdade, um equilíbrio entre a bondade e a força, pediu uma doença terminal porque quando sabemos que o fim dos nossos dias na Terra está próximo é que encontramos o melhor equilíbrio. Os extremos resultam da nossa incapacidade de visualizar todo o quadro, mas quanto mais estamos próximos da morte mais claramente enxergamos o real significado dos nossos objetivos, valores, ambições e esforços. Saber que nossos dias estão contados nos dá a sabedoria implícita que consta do “princípio do equilíbrio”.

SABER QUANDO A MORTE ESTÁ PRÓXIMA

Dos três “presentes” que normalmente consideramos maldições, o de Abraão – a dádiva do envelhecimento – é provavelmente o mais fácil de entender em um sentido positivo. Nós podemos entender que, apesar dos seus problemas, o envelhecimento ainda oferece muitas recompensas maravilhosas. Robert Browning não estava inteiramente errado quando nos aconselhou: “Envelheça junto comigo, o melhor ainda está por vir.” Afinal de contas, as rugas podem ser sinais de honra que testemunham a nossa maturidade. Não é que o jovem não as tenha; eles ainda não as merecem.

O “presente” de Isaac é o que nos causa a maior dificuldade. Não importa o quanto tentamos racionalizar isto, a dor e o sofrimento ainda parecem muito cruéis para serem aceitos como uma condição ordenada por Deus. É por isso que deixaremos uma discussão mais ampla a respeito dessa questão crucial para a próxima seção deste livro; esta é importante o bastante para merecer uma análise mais extensa.





O que eu quero esclarecer mais profundamente antes de concluirmos este capítulo é o “presente” pedido por Jacob. Imagine: Jacob poderia ter partido deste mundo da mesma maneira como todos os seus contemporâneos. De acordo com o *Midrash*, todas as pessoas cujo tempo havia se esgotado de repente eram tomadas por um espirro... e morriam. Isto me parece incrível: nenhum momento de preocupação, sem estresse, sem ansiedade. Nem mesmo a triste cena de uma família sentada ao redor do leito de morte, em prantos, diante de uma tragédia claramente iminente. O que Jacob poderia estar pensando? Que benefício ele via no seu desejo por uma doença terminal?

Está claro que Jacob queria isso porque havia um benefício. Qual é o benefício? Qual é o presente? Em uma palavra, o presente é a consciência – saber o que realmente irá acontecer.

Quando, como um jovem rabino, eu era chamado para o lado da cama de uma pessoa que estava morrendo, era comum eu perguntar à família: “O paciente sabe que vai morrer?” Às vezes a família dizia que sim; às vezes dizia que não. Entretanto, se eu tinha a oportunidade de falar com aquela pessoa, eu invariavelmente sabia que ela tinha consciência da verdade, embora preferisse não discutir isto com a família. Era como se ambos os lados estivessem em um jogo – a família não queria discutir a morte com a pessoa doente a fim de não a transtornar, e o paciente não queria discutir isto com a família para não as amedrontar.

Eu iria ainda mais longe e diria que, quanto mais próxima está a morte, maior é a consciência de quem está morrendo de que esta é iminente.

Qual é o papel dessa consciência? Por que isso parece ser uma premonição Divinamente implantada? Em primeiro lugar, ela permite que você “se prepare para encontrar o seu Criador”. Como você se prepara? É claro que você não precisa arrumar suas malas, mas esta é uma oportunidade de descarregá-las, se você quiser. Os Sábios nos ensinam que o arrependimento adequado e sincero pode desfazer toda uma vida de transgressões, ou seja, existe a oportunidade de compensar pecados contra Deus e contra outras pessoas que só elas poderiam perdoar aqui na Terra. Há tempo, nesses últimos momentos

antes da morte, para retificar muitas coisas que poderiam ter passado sem correção caso a pessoa tivesse morrido de repente. Portanto, a consciência exerce um benefício significativo para uma pessoa à beira da morte; além disso, há também benefícios significativos para os que permanecem vivos.

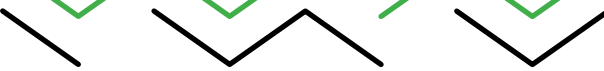
No caso de Jacob, todos os seus filhos são chamados para estarem ao lado da cama do pai, e ele abençoa cada um deles. A forma de proferir as bênçãos é estranha. Jacob não diz: "Você terá uma vida boa" ou "Você irá realizar isto ou aquilo". As bênçãos de Jacob são, na verdade, exortações; são instruções; em alguns casos, até mesmo críticas. À primeira vista poderia se perguntar: por que então elas são chamadas de bênçãos? Jacob está criticando seus filhos!

Mas a verdade é que ele está fazendo isso pelo próprio bem deles, em benefício do interesse deles. Ele só está mostrando as falhas de caráter deles, de modo que eles compreendam melhor as suas deficiências. Ele diz a cada um: "Este é o seu desafio na Terra, e é nisto que você precisa trabalhar."

Por que ele não fez isso antes? – poderia se perguntar. É possível que ele não estivesse pronto para dizer isso até então, mas também pode haver um significado mais profundo aqui: talvez os seus filhos não estivessem prontos para ouvir.

Por diversas vezes as pessoas me dizem: "Meu pai disse isso para mim no último dia dele...", ou "Minha mãe me pediu que fizesse isto e isto..." Será que existe alguém que não faria algo que um pai lhe pedisse para fazer no derradeiro fim da sua vida? Esses pedidos carregam um tremendo peso e validade.

Um congregante da minha sinagoga, que só aparecia nas Grandes Festas, de repente passou a aparecer todo *Shabat* para os serviços religiosos. Eu não pude me segurar, então lhe perguntei o que causou esse despertar espiritual. Ele me disse: "Rabino, em seu leito de morte, meu pai me disse: 'Significaria muito para mim se você encontrasse o seu caminho de volta para a sinagoga'. Assim, aparecer aqui a cada semana é o mínimo que eu posso fazer por sua memória."



Outro homem que conheço, um indivíduo muito rico que não era conhecido por fazer filantropia, de repente beneficiou diversas instituições importantes com doações consideráveis. Por quê? “Porque, antes de morrer, minha mãe me implorou para ajudar os outros com parte dos grandes presentes que Deus me deu.”

O Talmud⁴³ ensina que é uma *mitsvá*, um mandamento, cumprir os desejos de uma pessoa à beira da morte. Considera-se que as palavras da pessoa que está morrendo carregam uma força muito maior. Há exceções, é claro – um pai que está morrendo não pode ordenar seu filho a pecar ou a se casar com alguém contra a sua vontade. Mas, em geral, à pessoa que está para morrer é dada por Deus a autoridade de deixar uma marca indelével naqueles que passam os últimos momentos com ela.

É verdade, naturalmente, que os benefícios dos quais falamos podem vir acompanhados de uma doença terminal de curta duração. Com certeza, um último benefício que pode ocorrer como resultado de um adeus antecipado só pode ser alcançado no caso de uma enfermidade que dure dias, em vez de meses ou anos. Como podemos lidar com o sofrimento que parece jamais terminar?

É o “presente” de Isaac que mais perturbou a humanidade. A dor e o sofrimento não são passíveis de uma explicação simples. Isaac pode não somente ter compreendido, mas inclusive ido tão longe a ponto de desejar o que é quase que universalmente temido. Todavia, nós ainda vemos a sua cegueira como uma maldição; consideramos isso quase impossível de aceitar. Sim, diferente de Isaac, somos tentados a nos voltar para Deus, implorarmos para que Ele receba esse “presente” de volta e nos restabeleça para um mundo sem sofrimento. Mais do que tudo, a nossa convicção em um Deus bom é desafiada pelos gritos de dor no mundo. É com isso que iremos lidar nas páginas seguintes.

NOTAS

33. *Midrash Mishlê* 31. – 34. *Midrash Ialcut Shimoni*, Êxodo, número 398. – 35. Winkler, Guershon. *The Soul of the Matter (A Alma da Matéria)*. Brooklyn, NY, Judaica Press, 1982. – 36. Braverman, Rabino Nachum. *Jewish Journal*, 14/02/1995. – 37. Deuteronômio 24:16; Jeremias 31:29; Ezequiel 18:2; 2 Crônicas 25:4. – 38. *Baba Metsia* 87a, *San'hedrin* 107a. – 39. *Midrash Rabá* 65:9. – 40. Gênesis 24:1. – 41. Gênesis 27:1. – 42. Gênesis 48:1. – 43. *Taanit* 21a, *Guitin* 14b.

No próximo volume da série de e-books

Se Deus é Bom Por Que o Mundo é tão Ruim?

PARTE 3: POR QUE SOFREMO?

Capítulo 10. Compreendendo o Sentido do Sofrimento

Capítulo 11. O Teste de Abraão

Não perca!